

Alguns apontamentos para uma Teologia da Missão no Mundo Atual.

*O Vaticano II, que no ano de 2012 celebramos os 50 anos de sua abertura, colocou a missão da Igreja no âmago do mistério da Santíssima Trindade dando-lhe uma base teológica, apontando a Trindade como a **ORIGEM, MODELO e META** de toda atividade missionária.

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na 'missão' do Filho e do Espírito Santo. Este desígnio brota do 'amor fontal', isto é, da caridade de Deus Pai, [...] chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória (AG 2).

Temos uma comunhão ou “**missão ad intra**” que revela a vida íntima da comunhão trinitária e a “**missão ad extra**” que é o desígnio da Santíssima Trindade de se comunicar e fazer comunhão com os homens. Pode-se resumir este mistério com as palavras do evangelista João: “**Deus é amor**” (1Jo 4,16); “o amor não se contenta consigo mesmo e por causa disso envia o Filho no Espírito Santo em missão para anunciar a Boa Nova a toda humanidade, Falar de Deus significa, portanto, falar de **amor** e de **missão**” (SUESS, 2007).

Percebe-se que há um vínculo muito estreito entre a **comunhão** e a **missão** podendo falar de interação circular entre os dois termos; de fato, a comunhão é a origem da missão e a missão está a serviço da comunhão.

A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetrando-se e integram-se mutuamente, a ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão (CL 32).

Esta relação entre comunhão e missão é da máxima importância e nos faz entender que a missionariedade da Igreja não é algo de “acidental”, uma “apêndice” ou algo a ser delegado para alguns especialistas; ao contrário, a missionariedade é expressão da identidade da Igreja, derivante de sua própria natureza. Por este motivo podemos falar de “**comunhão missionária**”; isto é, a “*comunhão [com Jesus Cristo] gera comunhão e reveste a forma de comunhão missionária*” (CL 32).

O Documento de Aparecida recompondo a unidade entre o **discipulado** e a **missão**, resgata a figura do “**discípulo-missionário**” (Cf. Mc 3,13-19; DAp 278); e, o Papa Francisco nos solicita a abraçar esta ideia com as seguintes palavras: “*não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»*” (EG 120). Portanto, é urgente recompor a unidade entre a **dimensão comunitária** e a **dimensão missionária** resgatando o conceito da “**vida fraterna em comunidade para a missão**” (VC 72). Isto ajudaria a superar certas possíveis ambiguidades presentes na elaboração de projetos missionários.

A unidade no **Projeto de “vida fraterna em comunidade para a missão”** manteria íntegra a relação/interação entre - **comunhão** - e - **missão** -; desta forma seria superado o perigo de “desqualificar” uma ou outra dimensão, sabendo que, em geral, é a missão a ficar prejudicada.

Há, muitas vezes, na Igreja tensão entre comunidade e missão. A comunidade é tentada a recolher-se em si mesma, renunciando à missão, a abertura aos outros, ou reduzindo-a segundo plano. No extremo oposto, muitos temem que a comunidade venha a dissolver-se na missão, perdendo sua identidade. O desafio consiste em se formar uma comunidade missionária, onde a comunidade sustente a missão e a missão dinamize permanentemente a comunidade (Igreja: Comunidade e Missão - 21).

Um convite do Papa Francisco: *A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: «fez-se sempre assim». Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades (EG 33).*

O significado de uma virada: A história é a agenda da missão. É em diálogo com a história que a Igreja procura descobrir os caminhos da evangelização. Assim cada época e cada situação histórica configuram o modelo de missão que melhor corresponde aos apelos de seu tempo. Dito de outra forma, “a Igreja para desempenhar sua missão, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpreta-los à luz do Evangelho para responder aos desafios de cada época e se colocar a serviço do Reino” (Cf. GS 4; Cf. DAp 33).

Vivemos hoje uma realidade marcada por grandes mudanças, de alcance global afetando a vida de todos os povos; e, o documento de Aparecida define essa realidade como mudança de época (Cf. DAp 33; 34; 44). Frente a esse contexto - em contínua transformação - também a prática missionária passa por uma crise de identidade que precisa se reformular a partir de uma nova leitura dos sinais dos tempos à luz do Espírito Santo.

Em relação à missão pode-se afirmar que a “**contemporaneidade**”, a realidade que se configurou nessas últimas décadas, marca um divisor de águas na prática missionária fazendo a passagem da “**conquista**” para o “**diálogo**”. De fato hoje o diálogo é um imperativo missiológico para esse novo contexto marcado pela pluralidade cultural e religiosa. Hoje como nunca o conceito de missão “*ad gentes*” ainda está contaminado pelo “euro centrismo”; requer uma atualização associando-o ao novo conceito de missão “*inter gentes*” e adaptando-o aos novos contextos de missão. Enfim, é preciso lembrar que “a Igreja cresce, não por proselitismo, mas por atração” (DAp 159).

Em relação à auto-compreensão cristã a “**contemporaneidade**” é o ponto de encontro de duas tomadas de consciência:

- a) A percepção que chegou o fim daquele tempo que o cristianismo missionava os outros povos a partir da visão de cristandade.
- b) A compreensão da chegada de um novo tempo para a missão que se fundamenta no diálogo, no respeito e na valorização do outro.

Este quadro mostra a complexidade da realidade no início desse novo milênio; complexidade que desafia a Igreja e sua ação evangelizadora. Não a caso o Papa Francisco nos lembra de que “a atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja e a causa missionária deve ser a primeira de todas as causas” (EG 15).

Algumas atitudes a serem evitadas

a) Uma leitura ideológica da “descristianização”

Hoje se fala bastante de “descristianização” da sociedade e do mundo. Fenômeno apontado pelo Papa Paulo VI na “*Evangelii Nuntiandi*” afirmando que “a ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época” (EN 20). Também o documento de Aparecida menciona este problema ao dizer que “nas últimas décadas, vemos com preocupação, por um lado, que numerosas pessoas perdem o sentido transcendental de suas vidas e abandonam as práticas religiosas” (DAp 100f). Inclusive, o último censo de 2010 mostra o aumento desse fenômeno com a alta percentagem (8%) dos que se declaram “sem religião”.

Frente a essa realidade o perigo é de fazer uma leitura “ideológica” da mesma “sonhando” com um modelo histórico de cristandade, supostamente ligado a um tempo de “ouro” do cristianismo e infelizmente perdido. Este perigo está presente numa “nova evangelização” como sinônimo de “nova cristandade”; inclusive, como simples resgate dos cristãos afastados.

(Para uma visão integrada da “Nova Evangelização” consultar: EG 14).

b) O medo da imprevisibilidade do Espírito.

Não podemos pensar que a atual realidade é só negatividade. Sem sermos ingênuos precisamos acreditar que Deus, através de seu Espírito, age nesse mundo que tanto amou - e que tanto ama - ate entregar o seu Filho Jesus Cristo (Cf. Jo 3,16). A este respeito vale a pena fazer memória das palavras do Papa João XXIII proferidas no discurso de abertura do Concílio Vaticano II.

No exercício cotidiano do nosso ministério pastoral ferem nossos ouvidos sugestões de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discricção e moderação. Nos tempos atuais, elas não veem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em comparação com as passadas, foi piorando; e portam-se como quem nada aprendeu da história, que é também mestra da vida, e como se no tempo dos Concílios Ecumênicos precedentes tudo fosse triunfo completo da ideia e da vida cristã, e da justa liberdade religiosa. Mas parece-nos que devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. No presente momento histórico, a Providência está-nos levando para uma nova ordem de

relações humanas, que, por obra dos homens e o mais das vezes, para além do que eles esperam se dirigem para o cumprimento de desígnios superiores e inesperados; e tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja.

Portanto, deixamo-nos conduzir e surpreender pelo Espírito Santo (Cf. RM 87). Não podemos prender o Espírito dentro de esquemas prefixados ou como fala Aparecida dentro de uma pastoral de mera conservação que não favorece mais a transmissão da fé (Cf. DAp 365; 370). É Ele - o Espírito Santo - o agente principal, o protagonista da evangelização (Cf EN 75; RM 21); é Ele que nos abre novos caminhos - às vezes imprevisíveis - no mundo de hoje com sua complexidade e cheio de contradições.

c) A dificuldade em mudar os estilos de vida

Os objetivos da missão exigem uma séria reflexão sobre os estilos de vida que a sociedade pós-moderna está, de certa maneira, impondo aos indivíduos e que direta ou indiretamente estão afetando a vida eclesial e consagrada. Tem-se a impressão que certos estilos de vida pessoal, pastoral, religiosa, comunitária prevaleçam sobre a prioridade da missão. Na vida eclesial e consagrada, a crise do pós-moderno, com o recuo do sujeito de seus compromissos comunitários e a fuga no intimismo e individualismo, está caracterizando uma nova época colocando em segundo plano escolhas de vida - pessoal e comunitária - que nortearam durante estas últimas décadas a ação evangelizadora. Por estes motivos nossos Pastores em Aparecida apontaram algumas “sombras” presentes na vida eclesial.

Nesta época, costuma acontecer que defendemos de forma demasiada nossos espaços de privacidade e lazer, e nos deixamos contagiar facilmente pelo consumismo individualista. Por isso, nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões (DAp 397).

Lamentamos, [...] nossas débeis vivências da opção preferencial pelos pobres, não poucas recaídas secularizantes na vida consagrada influenciada por uma antropologia meramente sociológica e não evangélica (DAp 100b).

Percebemos uma evangelização com pouco ardor e sem novos métodos e expressões, uma ênfase no ritualismo sem o conveniente caminho de formação [...]. De igual forma, preocupa-nos uma espiritualidade individualista (DAp 100c).

Para que a MISSÃO possa se tornar o elemento norteador na vida pessoal, pastoral, religiosa e comunitária precisa, como nos fala Aparecida, de uma firme decisão missionária visando à conversão pessoal, pastoral e uma verdadeira renovação das comunidades. “Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja” (DAp 365).

Uma firme decisão missionária para uma Igreja “em saída” (EG 24); isto é, “em estado permanente de missão” (DAp 551).

O desejo de Papa Francisco

Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma simples administração Constituamo-nos em estado permanente de missão, em todas as regiões da terra (EG 25).

*Síntese elaborada a partir de encontros de formação missionária realizados pela Congregação dos Sagrados Corações - Província do Brasil com assessoria de Teólogos do Centro Cultural Missionário – CCM Brasília. (Janeiro de 2012 e 2013)

Referencias bibliográficas

CELAM, Documento de Aparecida (DAp), 2007.

CNBB, Igreja: Comunhão e Missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura, (ICM) 1988.

CONC. ECUM. VAT. II, “Ad Gentes” (AG) Decreto sobre a atividade missionária da Igreja, 1965.

CONC. ECUM. VAT. II, “Gaudium et Spes” (GS) Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, 1965.

FRANCISCO, Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” (EG), 2013.

JOÃO PAULO II, Encíclica “Redemptoris Missio” (RM), 1990.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica “Christifideles Laici” (CL), 1988.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica “Vita Consecrata” (VC), 1996.

PAULO VI, Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi” (EN), 1975.

SUESS PAULO, *Introdução à Teologia da Missão*, convocar e enviar: servos e testemunhas do reino. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.